

UM ESTUDO SOBRE AS CRENÇAS DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA ACERCA DA APRENDIZAGEM DO SEXO/GÊNERO DE SEUS ALUNOS

Juliana Fogaça Sanches SIMM
Eliza Adriana Sheuer NANTES

Universidade Norte do Paraná (UNOPAR)
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Ana Paula Pinheiro da SILVEIRA

Universidade Norte do Paraná (UNOPAR)

Resumo: O trabalho em tela é fruto do projeto de pesquisa “Concepções da população acerca da disciplina de Língua Portuguesa – crenças *versus* conhecimento teórico-científico”, desenvolvido na UNOPAR-EAD. Como aporte teórico-metodológico, recorreremos aos estudos na Psicologia Social de Lambert e Lambert (1981) e seus caudatários, assim como às discussões realizadas por autores da Sociolinguística, como Weinreich, Labov e Herzog (2006), Morales (1993), Silva-Corvalán (1989), Mouton (1999), dentre outros. Para a coleta de dados, organizou-se um questionário estruturado, aplicado pelos alunos estagiários de Letras, tendo como sujeitos 105 professores de 22 cidades de 9 estados brasileiros. As respostas dos docentes nos permitiram analisar suas percepções em relação aos seus alunos, considerando, principalmente, a variável “sexo/gênero”, possibilitando-nos confirmar a hipótese inicialmente apresentada: predomina a crença de que as meninas têm mais facilidade em aprender a língua do que os meninos.

Palavras-chave: Crenças. Aprendizado da língua. Sociolinguística.

A STUDY ON THE BELIEFS OF TEACHERS OF PORTUGUESE ABOUT THE LEARNING OF SEX/GENDER OF THEIR STUDENTS

Abstract: This work is the result of the research project “Conceptions of the population about the discipline of Portuguese Language – beliefs *versus* theoretical and scientific knowledge”, developed in UNOPAR-EAD. As theoretical-methodological basis, we have resorted to studies

in Social Psychology of Lambert and Lambert (1981) and their followers, as well as the discussions held by the authors of Sociolinguistics, as Weinreich, Labov and Herzog (2006), Morales (1993), Silva-Corvalán (1989), Mouton (1999), among others. For data collection, we have organized a structured questionnaire, applied by trainee students of Letters, which has had as subjects 105 teachers of 22 cities across 9 states. The responses of teachers allowed us to analyze their perceptions about their students, considering principally the variable “sex/gender”, which led us to confirm the hypothesis initially presented: there is a predominance of the belief that girls learn the language more easily than boys.

Keywords: Beliefs. Language learning. Sociolinguistics.

UN ESTUDIO SOBRE LAS CREENCIAS DE LOS PROFESORES DE INGLES APRENDIZAJE DE IDIOMAS SOBRE SEXO/GÉNERO DE SUS ESTUDIANTES

Resumen: Este estudio es el resultado del proyecto de investigación "Concepciones de la población acerca de la disciplina de Inglés – versus conocimiento teórico-científico ", desarrollado en UNOPAR – EAD. Los estudios teóricos y metodológicos de la Psicología Social de Lambert y Lambert (1981) y sus lacayos , así como los debates celebrados por los autores de la Sociolingüística , como Weinreich, Labov y Herzog (2006), Morales (1993), Silva - Corvalán (1989), Mouton (1999), y otros sirvieron de base. Para la recolección de datos, organizamos un cuestionario estructurado aplicado por alumnos del curso de Letras a un grupo formado por 105 profesores de 22 ciudades de 9 provincias. Las respuestas de los profesores nos permitieron analizar las percepciones de ellos tienen de los alumnos, llevando en cuenta sobre todo la variable sexo/género, lo que nos permitió confirmar la hipótesis inicialmente formulada, es decir, que hay predominio de la creencia de que las niñas tienen más facilidad para aprender la lengua que los niños.

Palabras clave: Creencias. El aprendizaje de idiomas. Sociolingüística.

INTRODUÇÃO

As pesquisas desenvolvidas pela Sociolingüística Variacionista são realizadas tendo em vista inúmeras variáveis, dentre elas a de gênero/sexo, a qual possibilita a identificação de diferenças nos falares entre homens e mulheres. Mendes e Oushiro (2012) destacam que, como categoria organizadora de uma amostra de fala, essa variável não necessita de justificativa. No entanto, mencionam duas áreas de discussão que merecem ser destacadas: uma que diz respeito às expectativas quanto aos resultados das análises das pesquisas

variacionistas relacionadas ao gênero dos informantes; e a outra que reflete sobre as diferenças dos papéis sociais entre homens e mulheres.

Assim, no que concerne à variável “sexo”, a discussão deste estudo não se limita a uma categorização, mas, sim, a questões que envolvem os diversos papéis desenvolvidos na sociedade, desempenhados por homens e mulheres, bem como a sua relação com o uso da língua. É nessa linha tênue, entre a prática docente e a fala proferida, que se manifestam, inclusive, as crenças.

Nesse contexto, o intuito deste estudo é desvendar essas crenças sobre o processo de ensino-aprendizagem, mais especificamente se o fato de o aluno pertencer ao gênero feminino ou masculino influencia ou não na aprendizagem. Embora haja várias pesquisas sobre crença e o processo de ensino-aprendizagem, este artigo justifica-se por três vertentes: (i) a falta de pesquisas na área de língua materna que abordam a temática; (ii) a abrangência da pesquisa; (iii) a possibilidade de investigarmos a crença do professor de Letras, língua materna, acerca do assunto em pauta.

No que diz respeito ao aporte teórico-metodológico, recorremos aos estudos na Psicologia Social de Lambert e Lambert (1981) e seus caudatários, assim como às discussões realizadas por autores da Sociolinguística, como Weinreich, Labov e Herzog (2006), Morales (1993), Silva-Corvalán (1989), Mouton (1999), dentre outros. Quanto à coleta de dados, os procedimentos adotados estão inseridos dentro de um projeto de pesquisa maior, intitulado “Concepções da população acerca da disciplina de Língua Portuguesa – crenças *versus* conhecimento teórico-científico”, desenvolvido na UNOPAR-EAD, sobre o qual discorreremos mais adequadamente na seção que trata dos procedimentos metodológicos.

Por uma questão metodológica, organizamos o presente artigo da seguinte forma: na primeira parte, apresentamos uma discussão teórica a respeito da categorização “gênero/sexo” nos estudos variacionistas; na segunda, tratamos dos pressupostos que envolvem as crenças e as atitudes linguísticas; em seguida, descrevemos os procedimentos metodológicos; por fim, apresentamos os resultados e as discussões dos dados.

1 PESQUISAS VARIACIONISTAS E CRENÇAS: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Os resultados das pesquisas variacionistas, de uma forma geral, não são conhecidos por todos. As opiniões sobre questões relacionadas à língua são perpassadas por crenças, as quais evidenciam, também, as diversas opiniões sobre as diferenças nos falares entre homens e mulheres.

A palavra *crença*, segundo o dicionário Houaiss (2009, s.v. *crença*), pode ser definida como “ato ou efeito de crer”, “convicção profunda” ou, ainda, “disposição subjetiva a considerar algo certo ou verdadeiro, por força do hábito ou das impressões sensíveis”. Conforme enfatizam Gomes, Madeira e Carvalho (2010, p. 64), “do ponto de vista social, o conceito de crença sempre existiu, já que desde que o homem existe, ele acredita em algo”.

Barcelos (2000) aponta que, ao tratarmos do termo *crença*, devemos considerar o universo social do nosso informante, visto que as pessoas estão inseridas em um contexto sócio-histórico que integra e influencia as crenças desses indivíduos, e suas opiniões são formadas pelas experiências vividas. Nessa perspectiva, as crenças relacionam-se às impressões que temos sobre algo, considerando as experiências pelas quais passamos, conforme elucidam os estudos desenvolvidos por Lambert e Lambert (1981, p. 72), os quais apontam que “cada um de nós aplica suas redes de significados para formar impressões”. Os autores, aliás, são uns dos precursores no estudo dessa temática, realizando estudos na área da Psicologia Social, desde a década de 1960.

Diante do exposto, a presente pesquisa considera as diferenças entre gêneros, homens e mulheres, partindo da hipótese de que há uma crença de que as meninas possuem maior facilidade em aprender a língua do que os meninos. Para comprovar tal proposição, analisamos as opiniões de professores de Língua Portuguesa quanto ao aprendizado da língua e à sua relação com o gênero do seu alunado.

1.1 CATEGORIZAÇÃO “GÊNERO/SEXO” NOS ESTUDOS VARICIONISTAS

Os estudos sociolinguísticos de vertente variacionista tiveram origem em William Labov. O autor buscou analisar, em suas pesquisas, os fatores linguísticos em um contexto social, levando em consideração vários elementos, como: idade, nível social, origem étnica e, o que mais nos interessa neste estudo, o sexo dos falantes. Segundo o estudioso, tais características exercem influência no modo como o falante utiliza a língua ao se comunicar. Todas essas categorizações são importantes para esse tipo de pesquisa; no entanto, para este estudo, trataremos de forma mais específica da variável “sexo”.

Antes, porém, de tratarmos especificamente dessa variável, julgamos ser conveniente nos reportarmos às discussões realizadas por Weinreich, Labov e Herzog (2006), os quais, em seus estudos, buscam evidenciar o caráter heterogêneo dos sistemas linguísticos. Nesse sentido, os autores frisam que, para dar conta das pesquisas relacionadas ao modelo de heterogeneidade ordenada, é preciso considerar a variável linguística, a qual, segundo os estudiosos, é “um elemento variável dentro do sistema controlado por uma única regra” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 105). Na visão desses autores, a homogeneidade não representa a língua em seu estado real, pois, na verdade, ela é caracterizada por oscilação sincrônica na fala dos indivíduos (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). Essa oscilação, portanto, é representada por uma gama de variáveis que determinam a heterogeneidade das línguas.

Calvet (2007, p. 102-103, grifos do autor) postula que há variável linguística quando “duas formas diferentes permitem dizer ‘a mesma coisa’, ou seja, quando dois significantes têm o mesmo significado e quando as diferenças que eles representam têm uma função outra, estilística ou social”. O autor cita os termos *toalete*, *reservado*, *banheiro*, *latrina*, *wc* ou *sanitário* como casos exemplificadores de uma variável. Contudo, é necessário saber também “a que função correspondem essas diferentes formas” (CALVET, 2007, p. 103). Por isso, o autor explica que essas diferentes palavras se dividem em seu uso, considerando: a) a faixa etária, uma vez que os jovens dizem *banheiro*, enquanto seus pais, *WC*; b) a escala social, em que as classes abastadas usam, de forma geral, *toaletes*, e as classes desfavorecidas, *latrina*; c) o sexo dos falantes, já que os homens dizem mais *banheiro* e *wc*, e as mulheres, *toalete* e *reservado*.

Diante disso, o pesquisador aponta que as escolhas realizadas pelos falantes são involuntárias, porém, mesmo sem ter consciência de suas opções, o indivíduo acaba nos indicando algo sobre a categoria social de que faz parte. Por outro lado, quando a escolha é consciente, isso nos permite deduzir informações a respeito de seu comportamento ao utilizar a língua para agir (CALVET, 2007).

Tratando, então, da categoria social, Alkimin (2008) esclarece que o sexo está justamente ligado às variações dessa natureza, citando alguns exemplos dessa variação, como a duração das vogais como recurso expressivo, o que ocorre em “maaravilhoso”, bem como o uso do diminutivo, como “bonitinho” e “gostosinho”, ambas características comuns na fala de mulheres. A autora menciona também que, na língua Zuñi, “falada por um grupo indígena da América do Norte, os fones [ty] e [c] falados por pessoas do sexo feminino correspondem a [ky] na fala masculina” (ALKIMIN, 2008, p. 36); por fim, a pesquisadora cita o japonês, no qual, “para o pronome de primeira pessoa eu, além de uma forma utilizável por todos os falantes, existem as formas ‘atashi’, usada exclusivamente por mulheres, e ‘boku’, própria aos homens” (ALKIMIN, 2008, p. 36, grifos da autora).

É importante notar, também, que as pesquisas que consideram a variável “sexo” nos permitem observar que os resultados não apresentam apenas variações do ponto de vista linguístico mas também diferenças psicológicas e sociais. A própria classificação “gênero-sexo” permite inferir tais aspectos. Enquanto *sexo* indica as diferenças fisiológicas entre homens e mulheres, a palavra *gênero* pressupõe as relações sociais estabelecidas por eles, lembrando que é a própria sociedade a responsável por criar essas relações. Assim, o valor que a sociedade atribui a um ou a outro gênero irá determinar o poder e o prestígio que homens e/ou mulheres terão nesse meio. Nesse sentido, alguns estudos realizados pela Sociolinguística, ao tratarem dessa variável, optam por nomeá-la como “gênero/sexo” e não somente “gênero” ou apenas “sexo”.

Quanto a essas pesquisas, Morales (1993) explicita que a variação linguística patrocinada pelo sexo sempre chamou a atenção dos estudiosos¹. O autor cita o caso de uma ilha caribenha em que homens e mulheres falavam línguas diferentes: os homens, a língua caribenha, e as mulheres, o Arahuaço. Tais línguas, inclusive, não tinham relação genética entre si. Segundo o pesquisador, isso se deveu ao fato de os caribenhos terem invadido a ilha, na qual se falava o Arahuaço, matando todos os homens e unindo-se às mulheres para repovoar tal território. Essa “divisão” é percebida em um caso semelhante, que diz respeito às línguas faladas em Cerrito, um distrito paraguaio, em que as mulheres falam uma língua da família linguística maskoi, enquanto os homens falam uma língua pertencente à família guaicurú (MORALES, 1993).

Nesse sentido, é inegável que homens e mulheres possuem formas diferenciadas de expressão. Dentre essas distinções, destacamos, principalmente, algumas especificidades que são mais comuns na fala feminina, como o uso mais frequente das variantes linguísticas de maior prestígio, fala mais conservadora, maior ocorrência de autocorreção, bem como um comportamento mais cortês e submisso, influenciador de seus falares (SILVA-CORVALÁN, 1989). Por outro lado, quanto aos homens, Silva-Corvalán (1989) argumenta ser mais aceitável e apropriado que eles rompam as regras e comportem-se de maneira mais dura, agressiva ou vulgar, influenciando sobremaneira seus falares.

Assim como Silva-Corvalán (1989), Mouton (1999), em seu livro sobre o falar das mulheres, ressalta alguns fatores que justificam a diferença entre a fala de homens e mulheres, dentre os quais estão a força de tabus em comunidades, bem como a educação e o nível de instrução diferentes entre eles. É válido ressaltar esses contrastes, pois se sabe que,

1 Essa concepção de gênero também tem sido muito repensada fora da Sociolinguística. Pennycook (1998), linguista aplicado, observa que, conforme ocorre o acesso das mulheres nas mais diversificadas áreas, dentre elas a Crítica Literária, a História, a Sociologia, a Antropologia, a Filosofia, a Ciência, a Ciência Política, a Psicologia, a Psicanálise, vai havendo uma mudança de foco, a tal ponto de vermos despontar trabalhos que se autoquestionam, no sentido de analisarem se elas estavam limitando-se a reproduzir discursos cristalizados ou se conseguiam ir além. Segundo o autor, “As mulheres não estão apenas redefinindo essas áreas e mudando a nossa compreensão a respeito das noções de sujeito ou de conhecimento, mas, estão, também, alterando toda a base sobre a qual o trabalho acadêmico é feito ao enfatizar o pessoal (como sendo sempre político), o desejo e a memória” (PENNYCOOK, 1998, p. 37).

em muitas comunidades, as mulheres não desempenham o mesmo papel social que os homens e, por consequência, são restringidas no emprego de alguns termos e na forma de se expressar. Isso ocorre, também, pelo fato de, no passado, nem sempre atingirem o mesmo grau de instrução dos homens, não tendo, portanto, as mesmas oportunidades.

Por outro lado, temos vivenciado, na atualidade, uma mudança geral nesse quadro. As mulheres têm cada vez mais acesso ao ambiente masculino, bem como têm apresentado um nível mais elevado de instrução do que os homens, conforme é possível constatar, ao se observar os dados do censo de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010).

O Instituto, por meio desse censo, revela que,

Na faixa etária de 25 anos ou mais, o percentual de homens com pelo menos o nível superior de graduação completo foi de 9,9%, e das mulheres, de 12,5%; percentuais que passavam para 11,5% e 19,2%, respectivamente, entre os ocupados. E a taxa de abandono escolar precoce (proporção de jovens entre 18 e 24 anos de idade que não haviam completado o ensino médio e não estavam estudando), que caiu de 48,0% para 36,5% de 2000 para 2010, era maior entre os homens (41,1%) que entre as mulheres (31,9%) (IBGE, 2010).

Tais dados comprovam que as mulheres têm buscado, cada vez mais, elevar sua formação escolar, ao contrário dos homens, que têm apresentado um número mais elevado de abandono escolar precoce.

Mouton (1999) esclarece que as mulheres, sobretudo aquelas que buscam se inserir nos ambientes normalmente ocupados por homens, almejam por títulos masculinos no campo profissional. Quanto a isso, a autora assevera que as mulheres

[...] marcam uma ruptura com o passado, rompem com seu papel de transmissoras culturais e, na busca do prestigioso, geralmente destinam-se incondicionalmente ao novo, que consideram moderno, correto e melhor, sendo as primeiras em abandonar usos que pertencem ao acervo comum (MOUTON, 1999, p. 49).

Nesse sentido, se, por um lado, as mulheres têm uma postura que tende mais ao conservadorismo da língua, buscando manter e disseminar o uso do padrão, por outro, mulheres bem sucedidas têm mais facilidade em romper com o tradicional, desde que essa ruptura represente um uso prestigioso da língua. Um contraponto é o exemplo de Dilma Rousseff, tendo em vista que a mulher ocupante do maior cargo político do país prefere ser chamada de “presidenta” em vez de “presidente”.

No entanto, nem sempre a busca pelo prestígio leva ao uso padrão. De forma geral, de acordo com Mouton (1999), estudos das variações dialetais femininas constataam a ocorrência de autocorreção², ultracorreção³ e insegurança linguística de mulheres que habitam o espaço urbano. Isso se deve, principalmente, às pressões sociais que recaem sobre elas, ao contrário do que acontece com os homens, fazendo com que elas sofram, assim, maiores cobranças em relação aos seus falares.

Ainda segundo Mouton (1999), as mulheres detectam e absorvem com mais facilidade o uso da linguagem normativa em detrimento de estilos estigmatizados, buscam prestígio e identificação social pela linguagem e são mais influenciadas por fatores estéticos do que os homens. Já os homens, segundo a autora, tendem a ter uma linguagem menos normativa, fazendo uso de um linguajar mais grosseiro, rude, com o uso frequente de palavrões. Contudo, conforme já destacamos, fatores de ordem genética, social e cultural podem influenciar tanto a fala feminina quanto a masculina, e isso, certamente, acarreta variações linguísticas em razão do sexo do falante.

Tendo procedido a uma discussão acerca do gênero/sexo nos estudos variacionistas, a seguir trataremos, especificamente, das questões que envolvem as crenças, do ponto de vista

2 Autocorreções, segundo Dubois *et al.* (2004, p. 80), “são as correções que um falante aplica ao seu próprio enunciado, no momento em que percebe que este não corresponde ao que ele queria dizer”.

3 “Fenômeno que se produz quando o falante estranha e interpreta como incorreta, uma forma correta da língua e, em consequência, acaba trocando-a por uma outra forma que ele considera culta; nessa busca excessiva de correção (seja na fonética: *mantor* por *mantô*, seja na acentuação: *rúbrica* por *rubrica*, seja na escolha do vocabulário: *genitora* por *mãe*), nota-se em geral o temor do falante de revelar uma classe de origem socialmente discriminada; hipercorreção, hiperurbanismo” (HOUAISS, 2009).

linguístico, que se manifestam por meio das percepções sobre os falares entre homens e mulheres.

2 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

As crenças que dizem respeito ao ensino de Língua Portuguesa não somente perpassam as opiniões dos profissionais da educação, de forma geral, mas da maioria dos que falam essa língua. O próprio conceito da palavra *crença* já remete a ideias que as pessoas têm, tendo em vista suas experiências pessoais, considerando, também, a cultura presente no local em que esse falante está inserido.

Por exemplo, em Língua Portuguesa, existe uma crença arraigada, em muitos alunos, de que é uma língua muito complicada e difícil de ser aprendida e, em razão disso, constantemente ouvimos respostas do tipo: “não sei falar português”. Tal proposição é uma crença, uma vez que os discentes fazem uso dessa língua, nas mais diversificadas situações sociais, logo interagem, por meio dela, desde a mais tenra idade.

Na realidade, quando dizem que a língua é complexa, na maioria das vezes, referem-se à norma padrão, considerando-a como o único uso “correto”. Essa falta de relativização é um ranço da concepção de linguagem que orientou o ensino do português durante muito tempo, ou seja, a linguagem⁴ como expressão do pensamento. Nessa concepção, a fala é tida como uma tradução do pensamento, a expressão é totalmente individualizada, sendo produzida no interior da mente do indivíduo, não recebendo influência alguma do mundo, a não ser da norma prescrita pela gramática tradicional. Assim, sob esse ponto de vista, a maneira de falar dependerá da organização lógica do pensamento do indivíduo por meio de uma linguagem articulada e organizada. Para que essa organização aconteça, são necessárias regras que possibilitam o falar e o escrever “bem”. Essas regras são as que encontramos nas gramáticas normativas. Justifica-se, então, tal crença de que o falar português é difícil e complicado, visto

4 Matêncio (1994) postula que a concepção de linguagem pode ser sintetizada em três perspectivas distintas, dentro do ensino de Língua Portuguesa: “a linguagem como expressão do pensamento, passando pela visão de língua como instrumento de comunicação, até chegar-se a uma concepção da linguagem como interação” (MATÊNCIO, 1994, p. 70).

que é consequência desse modo de conceber e ensinar a linguagem, que, tradicionalmente, esteve presente nos bancos escolares, durante décadas.

Como vimos, as crenças estão presentes em muitas das nossas impressões sobre o aprendizado da língua e, por isso, os estudos sobre crenças têm despertado o interesse de muitos pesquisadores, sobretudo os da área da Psicologia Social, da Língua Aplicada e, mais recentemente, da Sociolinguística, base teórica deste nosso estudo.

Morales (1993), ao tratar dessa teoria, afirma que vários autores apontam ser a atitude formada por três fatores: o cognitivo, o qual inclui as percepções, as crenças e os estereótipos do indivíduo; o afetivo, que se refere às emoções e aos sentimentos; e o comportamental, que diz respeito à forma de agir e reagir. Dessa forma, ao tratar das crenças e atitudes no campo da Sociolinguística, devemos considerar todos esses componentes, a fim de entendermos o comportamento linguístico dos falantes.

Quanto aos estereótipos, Mouton (1999), ao discorrer sobre a fala feminina, aponta que a presença deles acarreta um fator negativo atribuído à linguagem das mulheres. Exemplo disso é o fato de, constantemente, ouvirmos respostas do tipo: “mulheres falam demais”; “não conseguem guardar segredo”, entre outras expressões cristalizadas.

Lambert e Lambert (1981) asseveram, ainda, um ponto muito relevante quando discorrem sobre a formação de impressões sobre os outros. Segundo os autores, “As maneiras características que uma pessoa usa, em sua linha de olhar e em sua face, para exprimir emoções ou para enviar informação, são socialmente importantes”. Os pesquisadores esclarecem que essa importância resulta, em parte, “do fato de que permitem que uma pessoa forme impressões de outra” (LAMBERT; LAMBERT, 1981, p. 71).

Consideramos esse fator extremamente importante para esta pesquisa, uma vez que analisamos, justamente, as impressões dos professores de português a respeito do comportamento de meninas e meninos no aprendizado dessa língua. Na análise, veremos que muitos dos comentários dizem respeito às impressões que os docentes têm em relação ao

gênero/sexo de seu alunado e, segundo Lambert e Lambert (1981, p. 71), elas têm importância prática, pois pessoas as usam “para predizer o comportamento futuro de um indivíduo e para decidir seu comportamento como resposta a isso”.

Além do fator acima, os autores discorrem a respeito dos códigos culturais e sociais apreendidos pelos indivíduos ao longo da vida. Por exemplo, o fato de, durante muito tempo, ser permitido somente ao homem fazer uso de palavras de baixo calão enquadra-se no código cultural que indica não ser adequado às mulheres fazerem uso de tal vocabulário.

Por fim, cabe ressaltar o que Lambert e Lambert (1981) expõem sobre a maneira pela qual nós atribuímos características a outras pessoas e, até, a nós mesmos. Segundo os pesquisadores, “continuamente tentamos atribuir as ações de outras pessoas a causas adequadas”, e mais, “como nosso comportamento para com outras pessoas contribui para sua ação, desempenhamos um papel vital no comportamento que pretendemos predizer nos outros” (LAMBERT; LAMBERT, 1981, p. 79).

Diante do exposto, na análise desenvolvida neste estudo, investigaremos como muitos desses fatores são inerentes às crenças que os professores possuem em relação ao aprendizado de seus alunos, tendo em vista as diferenças entre os gêneros. Neste momento, portanto, após termos discorrido sobre a relação entre as crenças e as atitudes linguísticas, no próximo tópico, aprofundaremos os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O *corpus* que compõe este estudo foi coletado pelo projeto de pesquisa “Concepções da população acerca da disciplina de Língua Portuguesa - crenças *versus* conhecimento teórico-científico” (UNOPAR/EAD), do qual os autores fazem parte. Trata-se de uma pesquisa sobre crenças, uma vez que buscamos averiguar as opiniões de professores em relação ao aprendizado de Língua Portuguesa entre meninos e meninas. Para isso, utilizamos como instrumento um questionário estruturado, composto por 15 questões⁵, aplicado a 105

5 Questionário baseado em Silva-Poreli, Yida e Aguilera (2010).

professores, de 22 cidades de 9 estados brasileiros, reunindo dados das cinco regiões, para verificar se a crença era partilhada por docentes em todo o território nacional, ou se era característica de uma região.

O instrumento de coleta de dados foi anexado às orientações do relatório de estágio de observação dos alunos do 3º semestre do curso de Letras, da instituição de Educação a Distância na qual as autoras deste artigo lecionam.

As cidades dos professores que responderam ao instrumento foram: Arapiraca, Bom Jesus da Lapa, Boquira, Brasília de Minas, Cuiabá, Curvelo, Diamantina, Ibaiti, Itapetinga, Machadinho do Oeste, Miguel Calmon, Niquelândia, Poções, Rosário do Ivaí, São Mateus do Sul, Sete Lagoas, Teixeira de Freitas, Teresópolis, Uruguaiana, Utinga, Viçosa e Vitória da Conquista. Dentre os Estados, estão: Alagoas, Bahia, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Paraná, Rio de Janeiro, Roraima e Rio Grande do Sul, compreendendo, assim, as cinco regiões do país, como já afirmamos.

Por fim, cabe ressaltar que o objetivo deste estudo é comprovar a hipótese segundo a qual existe uma crença de que as mulheres aprendem a Língua Portuguesa com mais facilidade do que os homens. Para tal, optamos por analisar as respostas à questão 12 (Para você, quem aprende a Língua Portuguesa com mais facilidade?) do instrumento de coleta de dados, uma vez que, para este estudo, configura-se como a mais significativa para comprovar tal proposição. Os professores tinham como opção assinalar meninos e/ou meninas, inserindo suas justificativas.

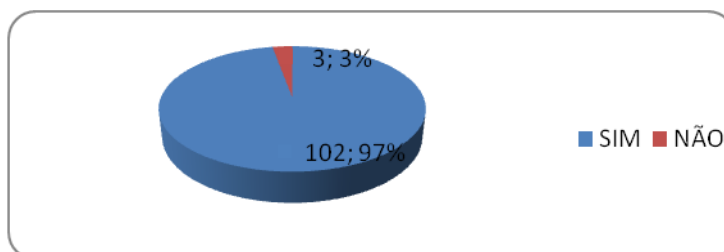
Após termos apresentado a metodologia de pesquisa, as questões elencadas, e depois de termos contextualizado o instrumento de coleta de dados, passaremos à discussão dos resultados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de analisarmos as respostas dadas para a questão 12, apresentaremos o perfil dos professores informantes de nossa pesquisa. Dos 105 docentes que responderam ao

instrumento de coleta de dados⁶, apenas três não possuem graduação em Letras⁷. Desses três, um está cursando a faculdade em Letras, um é formado em Pedagogia, e um não informou sua formação (Gráfico 1).

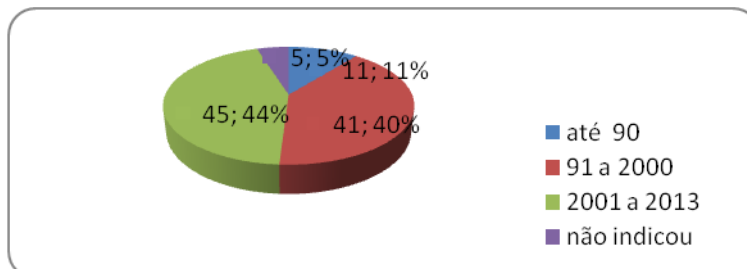
Gráfico 1: Curso Superior em Letras.



Fonte: Dados da pesquisa.

Dos 102 professores formados em Letras, observamos que a maioria graduou-se após 2000, sendo que o docente com formação mais antiga colou grau em 1982, e o mais recente, em 2012 (Gráfico 2).

Gráfico 2: Ano de Conclusão da Graduação em Letras



Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto ao tempo de docência, 48% dos professores lecionam de 6 a 15 anos. O professor com mais experiência leciona há 30 anos. É interessante ressaltar que esse docente

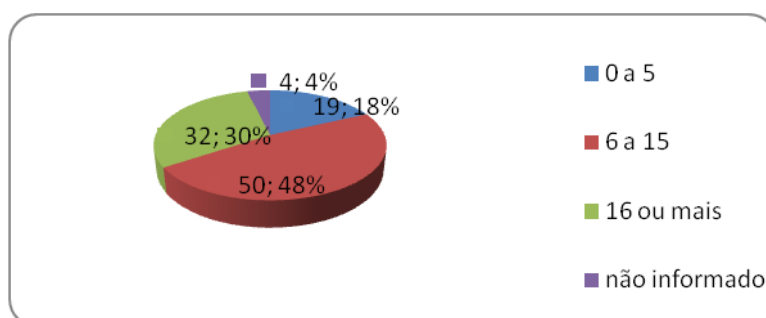
6 Os dados foram agrupados e, posteriormente, categorizados pela aluna bolsista de Iniciação Científica, Elisângela Maria Pereira Santos, do polo de Jequetiá-MG, com a supervisão dos professores.

7 Utinga (BA), Teixeira de Freitas (BA), Machadinho d'Oeste (RO).

formou-se em 1989, ou seja, iniciou o trabalho como professor seis anos antes de ter concluído a sua graduação⁸.

Há, ainda, outros dois professores da cidade de Itapetinga (BA) que já atuavam como docentes antes de serem graduados. Um deles informou que leciona há 22 anos, mas se formou em 2009, e o outro possui experiência de 21 anos, porém colocou grau em 2010; ambos, portanto, lecionaram por 18 anos sem terem concluído a formação em Letras (Gráfico 3).

Gráfico 3: Tempo de docência como professor (a) de LP



Fonte: Dados da pesquisa.

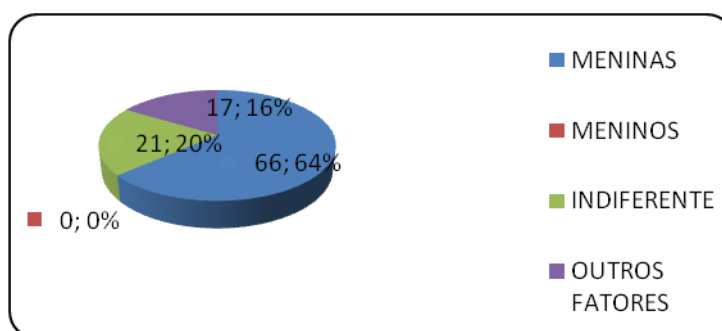
Partindo da concepção de Barcelos (2000) de que as crenças são também influenciadas pelas experiências vividas, podemos afirmar que o tempo de docência é uma variante. A corroborar essa ideia, Silva (2011) enfatiza que muitos professores trazem para as salas de aula crenças e aglomerados de crenças adquiridas ao longo de suas experiências como aprendizes e, às vezes, como professores também. Por isso a importância dessa contextualização, tendo em vista que 51% dos docentes tiveram sua formação inicial antes ou pouco tempo depois da publicação dos PCN (BRASIL, 1997; 1998), o que nos leva a inferir que tenham tido uma formação mais tradicional em relação ao ensino de Língua Portuguesa, mais em consonância com a concepção de linguagem como expressão do pensamento, que elegeu como objeto de ensino a gramática.

8 Isso era uma situação comum em regiões menos urbanizadas, devido à escassa possibilidade de formação superior e ausência de professor para o exercício do magistério. O ensino a distância favoreceu que essa formação acontecesse como educação formal e certificada.

É bastante expressivo, também, o número de professores com mais de 15 anos de experiência (78%), ou seja, muitos começaram suas carreiras em um tempo no qual as mulheres ainda não tinham o destaque que têm hoje na sociedade. Nesse sentido, muitas das crenças que possuem podem ter sido herdadas de uma época em que as pressões sociais recaíam de forma mais enfática sobre as mulheres, levando-as, conforme apontou Mouton (1999), a terem uma preocupação maior com a autocorreção, bem como uma tendência mais acentuada ao uso das variantes de prestígio.

Na sequência, apresentamos um gráfico com os resultados da pergunta que visou aferir a opinião dos professores a respeito da facilidade quanto ao gênero/sexo em aprender a Língua Portuguesa (Gráfico 4).

Gráfico 4: Quem aprende a Língua Portuguesa com mais facilidade?



Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme apontam os dados acima, 64% dos docentes afirmaram que as meninas possuem mais facilidade em aprender a Língua Portuguesa do que os meninos. Como justificativa, observamos que as percepções apresentadas pelos professores se encaixam nos três fatores mencionados por Morales (1993): o cognitivo, o afetivo e o comportamental.

Das respostas dadas pelos professores, relacionamos as elencadas a seguir ao primeiro fator, ou seja, ao cognitivo:

1. Apesar dos novos tempos, ainda são mais regradas e cobradas do que os meninos.

2. As meninas aprendem melhor a Língua Portuguesa, elas querem sempre saber mais, e estar a frente dos meninos.
3. São mais dedicadas, leem mais, assistem mais a programas de TV, etc.
4. Observo uma dedicação maior por parte das meninas.
5. As meninas sempre usam melhor a linguagem.
6. Por serem mais dedicadas, atenciosas e também disciplinadas.
7. Porque as meninas são mais cuidadosas e, na maioria das vezes, leem mais.
8. Pela percepção mais aguçada, disciplina, atenção aos detalhes e hábito de leitura.
9. O que dá a entender que elas têm mais essa preocupação em falar melhor.
10. As meninas são mais concentradas, organizadas, interessadas, têm hábito de leitura na infância. Há ainda algumas que gostam de registrar suas ideias em diários, o que auxilia muito na leitura e na escrita.
11. As meninas são mais estudiosas.
12. Em sua maioria, são mais aplicadas do que os garotos, mas depende muito da turma. Há turma em que muitos garotos são bem mais aplicados.
13. As meninas parecem desenvolver uma aptidão maior, principalmente com relação à escrita, porque as meninas são mais comprometidas com os estudos.
14. Existem pesquisas que defendem o fato de que a mulher apresenta uma habilidade linguística maior que a do homem. Creio que as meninas sejam mais disciplinadas para a internalização de regras e para a leitura.
15. Por intuição, facilidade de raciocínio, concentração, visão mais crítica.
16. São mais cuidadosas com a linguagem.
17. Porque são mais atentas.
18. As meninas, porque gostam de estudar.
19. O sexo feminino é mais centrado e mais voltado para o lado da escrita, é mais atento, enquanto o sexo masculino é mais voltado para as ciências exatas.
20. Elas têm mais interesse.
21. Porque a maioria delas tem mais interesse por linguagens e código, e os meninos, por número.
22. Atribuo este fato à preocupação estética, voltada à fala, que geralmente está mais presente no gênero feminino.

Estabelecemos essa relação, uma vez que as respostas acima são perpassadas por termos de teor valorativo, sendo possível revelar as percepções, as crenças e os estereótipos que os professores têm, principalmente, em relação às meninas.

Em um primeiro momento, tentamos realizar uma categorização por tipos. No entanto, entendemos que as percepções, as crenças e os estereótipos se relacionam. Na resposta 1, por exemplo, a docente apontou que as meninas são mais regradas; já nos enunciados 3, 4 e 6, destaca-se o fato de serem mais dedicadas; no 6, acrescenta-se a característica de serem mais atenciosas; em 7, de serem mais cuidadosas; em 8, o fato de terem a percepção mais aguçada e serem detalhistas; em 6, 8 e 14, destacou-se a disciplina; na afirmação 10, enfatiza-se a concentração, a organização e o interesse; e no enunciado 15, aponta-se para o fato de serem mais intuitivas.

Havíamos classificado as características acima como percepções que os professores têm em relação às alunas. Eles realmente demonstram tais impressões quanto às meninas, porém o fato de, em muitos casos, utilizarem o intensificador *mais* permite que muitas dessas percepções sejam, também, classificadas como crenças e estereótipos, uma vez que se julga que tais características são mais acentuadas nas mulheres do que nos homens.

As crenças e os estereótipos também são considerados fatores de interseção, uma vez que a crença está ligada a convicções, assim como os estereótipos, que, segundo Houaiss (2009), são resultantes de expectativas, hábitos de julgamento ou falsas generalizações.

Nesse sentido, consideramos que tais aspectos aparecem, por exemplo, na resposta 2, a qual aponta que as meninas aprendem melhor a língua; na 5, indicando que elas usam melhor a linguagem; no enunciado 9, as meninas aparecem como mais preocupadas com o falar melhor; na 13, indica-se a aptidão maior nas meninas, principalmente com relação à escrita, além de aparecem também como mais comprometidas com os estudos; na resposta 15, aponta-se que elas têm uma visão mais crítica e mais facilidade de raciocínio; no enunciado 16, aparecem como mais cuidadosas com a linguagem; nos enunciados 19 e 21, as meninas

são descritas como sendo mais voltadas à escrita, enquanto os meninos são mais voltados à área de exatas; e também na 21, indica-se que elas são preocupadas com a estética.

Assim, observamos que, em geral, são atribuídas características às mulheres relacionadas à disciplina, ao conservadorismo, ao comprometimento, indicando, então, que tendem a seguir as regras da língua.

O fator afetivo também foi mencionado pelos professores, como podemos verificar nas seguintes respostas:

23. Pelo fato de serem mais sensíveis e pelo fato de estarem sempre lendo algum livro, revista.
24. As meninas são mais românticas e leem mais.

Desse modo, sensibilidade e romantismo, segundo dois professores, são fatores que levam as mulheres a aprenderem com mais facilidade a língua.

Outro fator lembrado diz respeito ao comportamento. Quanto a ele, relacionamos algumas das respostas dadas pelos professores:

25. Pois as meninas leem mais revistas, escrevem diários, jornais etc.
26. Porque conseguem ler mais e são mais estudiosas
27. Pelo fato de serem mais centradas, mais atentas e também falam mais pausadamente.
28. Porque as meninas dedicam-se mais às leituras dos gêneros textuais, desde as revistas interativas até os grandes romances, e essa postura faz com que elas se desenvolvam um pouco mais na disciplina de Língua Portuguesa.
29. As meninas, em sala de aula, se preocupam em satisfazer aos ensinamentos dados pelo professor, além de elas serem mais dedicadas.
30. Após explanação de assuntos e solicitação de atividades em sala de aula, maior parte de acertos era de alunas.
31. Mais por uma questão de atenção, como na maioria das coisas, e também pela necessidade maior de escrever (poesias, músicas, diários), as meninas se sobressaem

32. Gostam mais de ler, principalmente romances, revistas, e da mesma forma gostam de escrever.
33. As meninas são mais observadoras, frequentam mais as bibliotecas, leem mais, desenvolvendo mais habilidades em Língua Portuguesa.
34. Elas são mais estudiosas, se empenham mais na questão da língua, ou seja, da norma culta.
35. As meninas, pois são mais pacientes, na leitura prestam atenção a detalhes, leem com tranquilidade, já os meninos não gostam de leitura e leem rápido, sem prestar atenção.
36. São mais dedicadas, gostam de ler e escrever, existe uma competição entre elas na sala de aula.

Alguns professores justificam o fato de as meninas terem mais facilidade de aprendizagem em Língua Portuguesa pelo comportamento que assumem. Dentre os modos de agir e reagir das meninas, eles listam os seguintes aspectos: os fatos de realizarem mais leituras (respostas 25, 26, 28, 32, 33, 35 e 36); de escreverem diários, jornais, poesias (respostas 25, 31, 32 e 36); de serem mais estudiosas (respostas 26, 34); de serem mais atentas (resposta 27); de terem preocupação em apresentar um bom resultado na disciplina (respostas 29 e 30); de serem mais observadoras (resposta 33); e de se empenharem mais em relação ao uso da norma culta (resposta 34). Assim, foram muitas as respostas dadas pelos professores para justificar o fato de as meninas terem mais facilidade em aprender a língua do que os meninos.

Dentre os 105 professores envolvidos na pesquisa, enfatizamos, ainda, que 21% julgaram ser indiferente o sexo/gênero em relação à aprendizagem de Língua Portuguesa. Seguem algumas das respostas apontadas pelos professores em suas justificativas:

37. Não acho que haja diferença quanto ao sexo em se aprender menos ou mais a Língua Portuguesa.
38. Os dois gêneros aprendem da mesma forma, depende da dedicação de ambos.
39. Porque qualquer aluno pode se engajar no processo de produção de conhecimento gramatical usando a própria lógica.
40. O aprendizado de Língua Portuguesa não depende do sexo.

41. Não há diferença. Tudo depende da vontade de aprender.
42. Depende do grau de interesse de cada um.
43. Na minha prática pedagógica, não percebo diferença na aprendizagem de Língua Portuguesa entre meninas e meninos, portanto acho que depende muito da metodologia aplicada e do interesse de cada gênero.
44. A Língua Portuguesa e sua aprendizagem não dependem de fator “sexo”; existem maneiras particulares de uso.
45. Até hoje não percebi nenhuma diferença de aprendizado em relação ao sexo dos alunos. Classifico-o apenas em interesse e compromisso individual.

O fato de os professores julgarem ser indiferente o fator “sexo/gênero” indica que não possuem algumas das crenças que normalmente são disseminadas pela sociedade, em relação ao ensino de Língua Portuguesa, como, no caso, a crença de que as meninas aprendem mais facilmente que os meninos. Eles justificam dizendo que: não há diferença quanto ao sexo (resposta 37); os dois gêneros aprendem da mesma forma (resposta 38); qualquer aluno pode aprender a língua (resposta 39); o aprendizado não depende do sexo (respostas 40 e 44); e o aprendizado depende do grau de interesse (respostas 42, 43 e 45).

Outros fatores, 16%, são citados pelos professores quanto à facilidade em aprender a língua, como:

46. Acredito que tal resposta não está relacionada ao tipo sexual, mas ao histórico e à cultura familiar.
47. Não considero o sexo como o mais importante no aprendizado. Existem outros fatores que devem ser discutidos.
48. Acredito que a dificuldade transcende a sexualidade. Há uma falta de interesse no âmbito geral.
49. Depende da realidade sociocultural da turma.
50. É relativo, pois depende do conteúdo, do que está sendo ministrado.
51. Não depende do sexo, mas do ser e da individualidade. De modo geral, o meio social interfere significativamente.

Observamos que, nesse caso, os professores julgam ser relevante para a aprendizagem: o histórico e a cultura familiar (resposta 46); o interesse ou a falta dele (resposta 48); a realidade sociocultural da turma (resposta 49); o conteúdo ministrado (resposta 50); e o meio social em que os alunos vivem (resposta 51).

Por fim, um aspecto que chama a atenção é o fato de nenhum dos 105 docentes citar que os meninos, exclusivamente, possuem mais facilidade em aprender a língua do que as meninas. Pelo contrário, há professores que apresentaram justificativas, criticando-os em relação à sua postura, como em:

52. Infelizmente, os meninos não estão levando a sério sua aprendizagem, brincam muito e não cumprem com suas obrigações de aluno.
53. Hoje eles só querem abreviar. Escrevem como se estivessem na internet.

A não indicação dos meninos por nenhum dos professores corrobora e, também, reforça a crença de que são as meninas que têm mais facilidade em aprender a língua, além de ratificar alguns dos estereótipos que são atribuídos aos meninos, ou seja, de que são mais rudes, agressivos ou, até mesmo, vulgares, influenciando, assim, os seus falares e contribuindo para a ruptura com as regras.

Não podemos deixar de precisar que a pesquisa, na qual este artigo se inscreve, tem como objetivo analisar não só as crenças mas também averiguar as suas relações com o conhecimento técnico-científico. É importante, dentro dessa perspectiva, precisarmos algumas questões, baseadas nos resultados aqui analisados acerca do conhecimento científico, sobre: diferenças de sexo/gênero; leitura; aprendizado da língua.

Em relação à diferença de sexo/gênero, vale elucidar que, do ponto de vista histórico, duas visões teóricas sustentaram os estudos sobre sexo/gênero. A primeira, conservadora, defendia que as diferenças culturais e sociais entre homens e mulheres resultavam de fatores biológicos; a segunda, mais progressista, relaciona as diferenças aos papéis sociais dos homens e das mulheres, e, portanto, as suas habilidades para desenvolver tais papéis a influências sócio-históricas, o que poderia variar de acordo com as mudanças advindas na sociedade.

Ambas as visões, de certo modo, respaldam as crenças que temos sobre o aprendizado da língua, ou seja, quando o professor afirma que a aluna é mais detalhista, ou que se envolve mais com a leitura do que os meninos, isso justifica não só a perspectiva conservadora, que parte do pressuposto de que os homens possuem maiores habilidades para aprender matemática, e as mulheres, a linguagem, mas e também a visão progressista. Isso se justifica pelo fato de que as mulheres, por questões sociais, desenvolveram certos comportamentos e atitudes que favoreceram o aprimoramento de habilidades de leitura, ou ainda porque, na sociedade atual, pela necessidade de conquistar espaço e reconhecimento no mercado de trabalho, elas talvez devam ser mais esforçadas, dedicadas ao estudo, como apontam as respostas dos professores.

O segundo aspecto relaciona-se ao aprendizado da leitura e, nesse sentido, é importante precisar que os resultados do PISA 2009 (INEP, 2012) vão corroborar a crença de que as meninas têm maior habilidade de leitura do que os meninos, haja vista que as meninas obtiveram média de 425,2, enquanto a dos meninos foi de 396,6. Esse resultado é também extensivo àqueles obtidos na Europa, conforme os dados informados pela EURYDICE, a Rede de Informação sobre Educação na Europa (GEPE, 2009). Isso nos leva a questionar: de fato, a crença de que as mulheres aprendem com mais facilidade a língua não está influenciando os modos de ensinar e aprender e, portanto, perpetuando esses resultados?

Em relação ao aprendizado da norma padrão, é possível afirmar que, se as meninas leem mais, serão imersas em situações de escrita e leitura em que se faz uso da norma padrão, conquistando, portanto, maiores possibilidades de internalizarem esse uso da língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados aqui apresentados confirmam a hipótese inicialmente apresentada neste estudo, ou seja, a existência de uma crença geral de que as meninas possuem mais facilidade em aprender a língua do que os meninos.

Verificamos que tal ideia está relacionada, sobretudo, ao comportamento e às características femininas, as quais levam a maioria dos professores a julgar que as mulheres

têm um maior cuidado com a língua, optam pela variedade de prestígio, tendem ao conservadorismo, sofrem mais pressões sociais, bem como são mais influenciadas por fatores estéticos do que os homens.

Assim, constatamos que os fatores de ordem genética, social e cultural foram preponderantes para as respostas dadas pelos professores, uma vez que atravessam as crenças e percepções que têm em relação ao sexo/gênero dos alunos, as quais, muitas vezes, são repassadas de gerações a gerações e levam-nos a indagar sobre a necessidade de se pensar novos modos de ensinar e aprender a língua que possam ir além das crenças e dos resultados por elas perpetuados.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, Tania. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Org.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2008. v. 1, p. 21-47.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. *Understanding teachers' and students' language learning beliefs in experience: A Deweyan Approach*. 2000. Tese (Doutorado em Ensino de Inglês como Segunda Língua) – College of Education, The University of Alabama, Tuscaloosa, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental. Brasília: SEF, 1997.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental. Brasília: SEF, 1998.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. 3 ed. São Paulo: Parábola, 2007.

DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cutrix, 2004.

GOMES, Francisco Wellington Borges; MADEIRA, Ricardo Ícaro Moura de Oliveira; CARVALHO, Kelson Sousa. Crenças e a Construção da Identidade Profissional do Professor de Língua Inglesa. *Querubim – Revista Eletrônica de trabalhos científicos nas áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais* – ano 06, n. 12, 2010, p. 64.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2009.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo 2010*: mulheres são mais instruídas que homens e ampliam nível de ocupação. 19 dez. 2012. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=1&idnoticia=2296&t=censo-2010-mulheres-sao-mais-instruidas-que-homens-ampliam-nivel-ocupacao>>. Acesso em: 23 jun. 2013.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa): resultados nacionais - Pisa 2009/ INEP. Brasília, 2012.

GEPE (Gabinete de Estatística e Planejamento da Educação, Ministério da Educação). *Diferenças de Gêneros nos resultados escolares*: estudo sobre as medidas tomadas e a situação actual na Europa. Eurydice. Agencia de Execução relativa à Educação, ao Audiovisual e à Cultura, 2009.

LAMBERT, William; LAMBERT, Wallace. *Psicologia Social*. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meireles. *Leitura, produção de textos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1994.

MENDES, Ronald Beline; OUSHIRO, Livia. O paulistano no Mapa Sociolinguístico Brasileiro. *Alfa*, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 973-1001, 2012.

MORALES, Humberto Lopez. *Sociolingüística*. 2 ed. Madrid: Gredos, 1993.

MOUTON, Pilar García. *Cómo hablan las mujeres*. Madrid: Arco Libros, 1999.

PENNYCOOK, Alastair. A linguística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTE, Marilda (Orgs.). *Linguística Aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas, Mercado de Letras, 1998.

SILVA, Kleber Aparecido da. Crenças no ensino-aprendizagem e na formação de professores de línguas: Pontos e contrapontos. In: _____. (Org.). *Crenças, Discursos & Língua*. v. II. Campinas: Pontes Editores, 2011.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. *Sociolingüística Teoría y análisis*. Madrid: Alhambra, 1989.

SILVA-PORELI, Greize Alves da; YIDA, Vanessa; AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças: considerações do alunado em relação ao ensino de Língua Portuguesa. *Entretextos*, v. 10, n. 1, p. 123-139, jan./jun. 2010.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

Juliana Fogaça Sanches SIMM

Possui graduação em Letras - Habilitação Português/Inglês pela Universidade Estadual de Londrina (2002), especialização em Língua Portuguesa e mestrado em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (2009). Atualmente é professora titular da Universidade Norte do Paraná. Tem experiência na área de Letras.

Eliza Adriana Sheuer NANTES

Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (1996) e mestrado em Estudos da Linguagem pela mesma Universidade (2004). É doutoranda em Estudos da Linguagem (UEL-PPGEL) e professora da Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). Atua com os temas: fundamentos do ensino de língua portuguesa, produção de textos e análise linguística (via gêneros discursivos). Participa do Grupo de Pesquisa FELIP-Formação e Ensino em Língua Portuguesa, UEL-CNPq e do Grupo de Pesquisa Linguagem em Ambientes Virtuais de Aprendizagem (prática de análise linguística), UNOPAR-CNPq.

Ana Paula Pinheiro da SILVEIRA

Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas - pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1991), mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (2004) e doutorado em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (2013). É docente do curso de Letras e do Mestrado em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias da Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), com experiência na área de Linguística, com ênfase em semiótica, atuando principalmente nos seguintes temas: multiletramento, leitura, tecnologia e ensino.

ANEXO

Caro(a) aluno(a),

O projeto de pesquisa **“Concepções da população acerca da disciplina de língua portuguesa – crenças versus conhecimento Teórico-científico”** visa estudar as crenças que a população em geral tem em relação a alguns aspectos relacionados à disciplina de língua portuguesa, como: o que é aprender português, o que é a língua portuguesa, como se estrutura, entre outros aspectos. Outro objetivo deste projeto é verificar como os professores da educação básica (ensino fundamental II) concebem o ensino da língua portuguesa, bem como suas crenças a respeito do ensino desta disciplina. Para isso, elaboramos o questionário abaixo para você, aluno(a), aplicar ao professor-regente da escola em que você está realizando o seu estágio.

Contamos com a sua colaboração!

QUESTIONÁRIO

- 1) Curso Superior em Letras: () Sim () Não
- 2) Ano de Conclusão da Graduação em Letras: _____
- 3) Formação Continuada:
() Sim: Qual: _____ Ano de Conclusão: _____
() Não
- 4) Tempo de docência como professor(a) de Língua Portuguesa: _____ anos
- 5) Na sua opinião, a disciplina de língua portuguesa deve primar pelo ensino dos conteúdos gramaticais?
() Sim
() Não
Por quê?

- 6) No que diz respeito ao ensino de Língua Portuguesa, qual a finalidade da escola?
() Difundir a norma culta.
() Conservar o purismo da língua portuguesa.
() Abordar as distintas variedades linguísticas, levando o aluno a pensar sobre a língua.

- 7) Na escolha dos textos a serem abordados em sala de aula, você privilegia:
- Os clássicos da literatura.
 - Os diversos gêneros textuais que circulam socialmente (artigos de jornais e revistas, por exemplo).
 - Textos do livro didático.
 - Outros: quais?
-
- 8) No que diz respeito aos problemas de oralidade apresentados pelos alunos, você:
- Considera que são decorrentes da falta de capacidade dos alunos em empregar as normas de forma correta.
 - São decorrentes da situação socioeconômico-cultural dos alunos, que trazem para a escola a fala que utilizam em sua comunidade.
- 9) Ao observar a fala dos seus alunos, você correlaciona os problemas gramaticais que possuem à classe social deles?
- Sim
 - Não
- Por quê?
-
-
-
-
-
-
- 10) Quando um aluno em sala de aula diz “Nóis fez muitos trabalho este bimestre”, você considera:
- Um erro gramatical, pois transgride as regras da estrutura da língua.
 - Uma inadequação, decorrente de um fato social.
 - Apenas um descuido por parte do aluno.
- 11) Você considera que os alunos, na época em que você era estudante, faziam melhor uso da língua portuguesa?
- Sim

() Não

Por quê?

12) Para você, quem aprende a língua portuguesa com mais facilidade?

() meninas

() meninos

Por quê?

13) Na escola, há muitos professores, de várias disciplinas, sendo comum todos pedirem produções textuais aos alunos. No entanto, no que diz respeito aos problemas gramaticais encontrados nos textos, é responsabilidade de quem as corrigir?

() Do professor da disciplina de Língua Portuguesa.

() Do professor que solicitou a produção.

() De todos, tanto do professor de Língua Portuguesa quanto do professor que solicitou a produção.

14) O objetivo desta questão é que você indique de que forma a disciplina de língua portuguesa pode contribuir para o futuro profissional do seu aluno. Para tanto, em cada uma das opções, use a numeração a seguir, de acordo com a relevância que você considera importante. Você pode, inclusive, usar mais de uma vez o mesmo número.

Utilize a seguinte numeração: (1) muitíssimo importante; (2) muito importante; (3) importante; (4) mais ou menos importante; e (5) a escola não trabalha isso adequadamente. Então, a aula de língua portuguesa:

() Ajuda o educando a desenvolver as competências orais e escritas adequadas, do ponto de vista gramatical, contribuindo, assim, para a conquista de um bom emprego.

- () Permite ao educando interagir nas diversificadas situações interativas.
- () Aproxima o saber escolar (científico) do perfil socioeconômico do aluno. (o saber popular que o aluno trás).
- () Mantém o uso do português padrão.
- () Mantém o ensino distante da realidade sociocultural da maioria dos discentes.

15) Somos cientes que a uma prática pedagógica tradicional e a implantação das novas correntes linguísticas. Nesse contexto, entre o “velho e o novo” atua o professor. Diante disso, responda:

a) Como você incorpora em sua prática as inovações propostas pelos documentos atuais da educação (PCN, Diretrizes etc.)?

b) Existem dificuldades para a aplicação das inovações propostas por esses documentos?
